

A PESQUISA SOB OS PRESSUPOSTOS DO MATERIALISMO-HISTÓRICO DIALÉTICO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Maria de Lourdes Bernartt: graduada em Letras-Inglês. Docente do Ensino Superior e Membro do CEPAD (Centro de Pesquisa e Apoio ao Desenvolvimento Regional) CEFET-PR/Unidade de Pato Branco. Mestre em Educação -UNICAMP-SP/Unicentro - Guarapuava-PR. Doutoranda em Educação História, Filosofia e Educação Unicamp-SP.

Noeli Tereza Pasto Signorini: graduada em Geografia. Docente do Ensino Superior da Faculdade de Pato Branco FADEP. Mestre em Educação UNICAMP-SP/UNICENTRO - Guarapuava-PR. Doutoranda em Educação Ensino, Avaliação e Formação de Professores UNICAMP-SP

Resumo: o presente texto tem por objetivo provocar reflexões sobre a pesquisa embasada nos pressupostos do materialismo histórico e dialético na formação do profissional da educação. Discutiui-se a pesquisa como forma de apreensão e transformação da realidade. Procurou-se suscitar a discussão sobre a necessidade de uma base teórico-metodológica que dê sustentação à prática investigativa na formação dos futuros profissionais da educação.

Palavras-chave: pesquisa, materialismo-histórico-dialético, formação do profissional da educação.

Abstract: the present text has for objective to provoke reflections on the research based in the estimated ones of the historical and dialetic materialism in the formation of the professional of the education. It was argued research as form of apprehension and transformation of the reality. It was looked to excite the quarrel on the necessity of a base theoretician-metodológica who gives sustentation to the practical investigativa in the formation of the professional futures of the education.

Key Words: research, historical and dialetic materialism, formation of the professional of the education.

A Pesquisa sob os Pressupostos do Materialismo-histórico-dialético na Formação do Profissional da Educação

Maria de Lourdes Bernartt

Noeli Tereza Pastro Signorini

1. INTRODUÇÃO

Dada a importância de que se reveste o papel desempenhado pela pesquisa na formação do profissional da educação, considera-se necessário iniciar uma reflexão sobre a pesquisa na formação docente como forma de investigação e compreensão da realidade. Para tanto, entende-se que é mister encarar uma discussão sobre os métodos e suas relações no contexto das epistemologias que os orientam.

A escolha do campo de discussão ocorreu pela compreensão de que nesse espaço, especificamente, o futuro professor deveria se imbuir de conhecimentos teóricos, científicos e políticos para compreender as implicações da pesquisa na sua ação docente.

A opção por esse tema surgiu da inquietação das autoras, por se observar em situações educativas, especificamente, no ensino

superior, algumas contradições no que se refere às concepções de pesquisa, assim como, incoerências quanto às concepções formuladas por alunos, futuros profissionais da educação.

No ambiente acadêmico, a concepção de pesquisa na prática e na formação docente, tem ocupado um amplo espaço nas discussões, bem como em literatura específica, no entanto, na formação de professores essa preocupação não tem alcançado as mesmas dimensões. Ela tem se constituído como parte da obrigação docente, com carga horária prevista, estímulo salarial ou como bolsa de estudo. Nota-se também uma variedade de concepções de práticas relativas à pesquisa, as quais são indicadas como "pesquisa acadêmica, como aplicação à realidade das escolas, denotando uma perspectiva voltada para uma meta acadêmica e outra, voltada para a situação de sua prática como docentes" (LÜDKE, 2003, p. 37).

Observa-se ainda que os professores-formadores representam suas concepções de pesquisa, marcadas pela vivência acadêmica, em geral, influenciadas pela sua formação inicial e reforçada em cursos de pós-graduação, de aperfeiçoamento, de atualização, bem como, por livros e manuais de metodologia da pesquisa, por palestras, seminários, mini-cursos e outras qualificações formadoras.

A formação dos futuros professores é entendida, aqui, como fundamental para o conhecimento dos pressupostos que norteiam as concepções de pesquisa. O professor-formador, nesse contexto, deveria desempenhar um papel essencial na formação de

tais concepções, proporcionando aos alunos a oportunidade de contato aprofundado com a epistemologia das ciências.

Nesse mesmo enfoque, SANTAELLA (1998) sugere que o que deve caracterizar o profissional do ensino é, justamente, uma atitude de investigador e aprendiz. Acredita-se que estas duas características – investigador e aprendiz – vão além de uma atitude pessoal do professor, mas na verdade reforçam a noção, bastante aceita por inúmeros estudiosos, de que o processo de formação do professor não ganha completude nos cursos preparatórios iniciais.

Diante disso, este estudo parte de uma perspectiva crítica, fundamentada numa determinada concepção de ciência, mundo e homem, buscando explicitar a necessidade de compreensão do processo de pesquisa na formação de professores.

Desse modo, para abordar o tema proposto, busca-se ancoragem nos pressupostos do materialismo histórico-dialético e as implicações destes na pesquisa educacional. Tal opção, como método de investigação, significa um rompimento entre a ciência da história ou humano-social e as análises metafísicas de diferentes perspectivas e níveis de compreensão do real: empirismo, positivismo, materialismo vulgar e estruturalismo (FRIGOTTO, 1997).

As reflexões empreendidas, neste espaço, têm a pretensão de contribuir para uma retomada sobre as concepções de pesquisa na formação do professor, no intuito de desencadear tal discussão nos cursos superiores, primeiros responsáveis pela formação do futuro profissional da educação.

2. O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO ENQUANTO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

2.1. ENTENDENDO A DIALÉTICA

A etimologia da palavra dialética vem da linguagem grega *dia*, (*diá* = por causa de, graças a, através de, por causa de; apresenta, portanto, a idéia de troca, intercâmbio com alguém) + *lextiko,j* (lektikós = hábil ou apto, preparado à palavra, forma advinda do radical *logo,j* [*logós*] = palavra); sugere, conseqüentemente, diálogo ou discussão argumentativa, resultando numa unidade ou consenso de posições anteriormente antagônicas, no entanto, susceptíveis de novos e possíveis contrapontos.

Para Engels *apud* HOOK (1974, p.98), por exemplo, “a dialética não é outra coisa que a ciência das leis universais: do movimento e da evolução da natureza, na sociedade humana e no pensar”, assim, verifica que a história humana não somente é movida por essas leis, mas, ao passo que isso acontece, a sua reciprocidade é verdadeira.

KOSIK (1976, p.15) entende a dialética como ‘o pensamento crítico que se propõe a compreender ‘a coisa em si’ e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade”. O objeto da dialética, para esse autor, é sempre real, factível, determinado historicamente numa sociedade

dinâmica, no qual ocorre a passagem do plano abstrato (que considera parte do objeto real da dialética) para o todo da concreticidade e vice-versa; “do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno, da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade, do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto”. O autor denomina o processo da passagem do abstrato ao concreto e vice-versa como “dialética da totalidade concreta, na qual se reproduz idealmente a realidade em todos os seus planos e dimensões” (Ibidem, p. 30).

O objeto da dialética materialista é o mundo objetivo e sua inter-relação entre o pensamento e o ser. Por isso, para Engels *apud* KOPNIN (1978, p.47) a dialética materialista é “como ciência das leis gerais do movimento tanto do mundo exterior como do pensamento humano”; eis o porquê de o marxismo relacionar sujeito e objeto numa

(...) base real em que eles são unificados na história; a dialética subjetiva é o mesmo movimento objetivo, só que sob uma forma de sua existência diferente da natureza. Demais, subentende-se por dialética subjetiva não só o movimento do pensamento, mas também a atividade histórica do homem em seu conjunto, incluindo o processo do pensamento (Ibidem, p. 51).

Marx e Engels concebiam a “matéria” ou o “materialismo” como “todos os fenômenos, coisas e processos que existem fora e independentemente da consciência do homem” (KOPNIN, 1978, p.60). Na concepção deste (Ibidem, p.83), a dialética não é “(...)

uma instância verificada de conhecimento obtido”, mas “... meio e método de transformação do conhecimento real por meio da análise crítica do material factual, concreto, um método (modo) de análise concreta do objeto real, dos fatos reais”. A concepção deste autor é, pois, semelhante ao conceito de dialética do concreto de Kosik.

Essa asserção compreende, portanto, que “o pensamento necessita sempre de algum apoio em seu movimento. E esse apoio lógico é criado precisamente pela experiência antecedente do conhecimento, que é a que se fixa nas categorias da dialética materialista” (Ibidem, p. 108).

KOPNIN (1978, p.108) explica que categorias, na dialética materialista, são elementos que “constituem o dispositivo lógico do pensamento científico teórico, que é um meio de síntese de criação de novas teorias e movimento de um conceito a outro que interpreta com mais profundidade o objeto”, ou seja, seriam “sínteses de múltiplas determinações”. O mesmo autor afirma que elas só assumem importância à medida que são objetivas por conteúdo, resultantes, por sua vez, da “evolução do conhecimento como base da construção do sistema de categorias...” (Ibidem, p. 119).

KOSIK (1976, p.31) observa que o método dialético compreende três graus: 1º) minuciosa apropriação da matéria, pleno domínio do material, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis; 2º) análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material e 3º) investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de

desenvolvimento. De maneira específica, o método dialético segue as “leis ou princípios” da dialética expostos em tópicos anteriores, princípios esses que atuam sobre o objeto concreto de forma “crítica e revolucionária”.

2.2. O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA DIALÉTICA

O método de investigação da dialética está implicitamente ligado ao materialismo histórico (aqui não dissociado do dialético) e com esse se funde, a tal ponto que poderia ser denominado simplesmente método de investigação do materialismo histórico. Entretanto, o próprio Marx sempre utilizou o termo método dialético e é a partir dessa informação que enfocar-se-á tal assunto, considerando-o como fonte e o materialismo histórico como veículo da mesma, numa total e indivisível unidade. MARX (1998, p.16) explica a enunciação acima da seguinte forma:

A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído este trabalho, é que se pode descrever, adequadamente o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori.

Um primeiro aspecto a ser ponderado para a compreensão do materialismo histórico, enquanto método de investigação, implica

entender que a dialética é um atributo da realidade e não do pensamento, como afirma KOSIK (1976, p. 20-1):

(...) a dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a “coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade. Por isso, é o oposto da sistematização doutrinária ou da romantização das representações comuns. (...) por trás da aparência externa do fenômeno se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência.

Para o autor citado, o método dialético materialista implica iniciar pela análise de questões, como: “por que os homens tomaram consciência de seu tempo justamente nestas categorias e qual tempo que se mostra aos homens nesta categoria? Ou seja, como se produz concretamente um determinado fenômeno social?” Quais as leis sociais, históricas, quais forças constituem o fenômeno enquanto tal?

Dessa forma, o pesquisador estaria preparando o terreno para destruir a pseudoconcreticidade, tanto no campo das idéias quanto no campo das condições, no intuito de procurar a inter-relação entre tempo e idéia. Isso aponta, no campo das ciências humanas e sociais o caráter sincrônico e diacrônico dos fatos, a relação sujeito-objeto, ou seja, o caráter histórico dos objetos investigados.

Para o materialismo histórico-dialético importa descobrir as leis dos fenômenos pesquisados, ou seja,

(...) importa não apenas a lei que os rege, enquanto têm forma definida e os liga à relação observada em dado período histórico. O mais importante de tudo é a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, ou seja, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra" (MARX, 1998, p. 26-7).

Para isso, Marx analisa o movimento social, em seu método, como um processo histórico-natural, regido por leis independentes da vontade, da consciência e do pensamento dos homens, e que, ao contrário, determina-lhes a vontade, a consciência e as intenções. Para ele, cada período histórico possui leis próprias que governam a vida quando esta passa de um estágio para outro, após ter vencido determinada etapa de desenvolvimento.

Sendo assim, a pesquisa, tomada nesta acepção, revela as leis específicas que regem o nascimento, o desenvolvimento, a morte de determinado organismo social, bem como a sua substituição por outro nível mais elevado.

GADOTTI (2001, p. 31) explicita que Marx distingue formalmente seu método como: "método de pesquisa" e "método de exposição".

Por "método de pesquisa" entende-se uma "apropriação em pormenor" da realidade estudada, ou seja, é a *análise* que evidenciará as relações internas de cada elemento em si. Neste método, a análise detalhada de um objeto ou fenômeno evidenciará as leis particulares que regem o início, o desenvolvimento e o

término de cada objeto ou fenômeno (Marx apud GADOTTI, 2001, p. 32).

Por "método de exposição" entende-se a reconstituição, a *síntese* do objeto ou fenômeno estudado, como um processo inverso, oposto ao primeiro, de tal forma que se imagine que foi construído a *priori*. Na exposição, o objeto desvela-se gradativamente conforme suas peculiaridades. É, pois, consequência de uma pesquisa anterior das "formas de desenvolvimento" e das "conexões" existentes entre elas (Marx apud GADOTTI, 2001, p. 32).

Nesse sentido, através do método dialético o fenômeno ou objeto de investigação deverá apresentar-se de tal forma que seja apreendido em sua totalidade. Sob essa perspectiva, a investigação precisa dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular. Isso implica que categorias da dialética, como totalidade, contradição, alienação, não são apriorísticas, mas construídas historicamente.

O materialismo histórico parte, então, da realidade objetiva, isto é, toma a dialética como lógica e teoria do conhecimento. Portanto, a pesquisa deve partir do homem concreto e histórico, em suas atividades práticas, ou seja, do mundo do trabalho, tomando o método da economia política como diretriz para a construção de conhecimento.

3. O MÉTODO DIALÉTICO NA PESQUISA ENQUANTO POSTURA, ENQUANTO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO E ENQUANTO PRÁXIS

A dialética tem se mostrado presente na pesquisa científica como tendência paradigmática, como atesta SANTOS FILHO (1995), desde a década de 70 e vem se destacando consideravelmente, desde então, aumentando sua utilização e valorização como tal. O *status* de tendência paradigmática não se refere unicamente ao método dialético, uma vez que o nível de validade das leis dialéticas é mais amplo.

Conforme GAMBOA (1996, p.94), a dialética enquanto tendência paradigmática “surge como nova opção entre a pesquisa empírico-analítica e a fenomenológica-hermenêutica, apropriando-se, no nível de nova síntese, de algumas categorias desenvolvidas nessas duas abordagens”.

Assim, a dialética tem-se firmado como tendência na pesquisa científica enquanto postura ou concepção, enquanto método e enquanto práxis. Em outras palavras, na pesquisa, o método dialético apresenta-se sob esse tríplice movimento, propiciando a crítica, a construção de conhecimento “novo” e uma nova síntese no plano do conhecimento e da ação (FRIGOTTO, 1997).

Enquanto postura, para o autor, o materialismo histórico é tomado como concepção de mundo, isso significa ir à raiz do

problema, da realidade "in natura". Nesta visão, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. Dessa forma, a postura antecede ao método, uma vez que este se constitui, pois, em uma espécie de mediação no processo de apreender, revelar, expor as estruturas de desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais, significando um rompimento com o modo de pensar da ideologia dominante. Revela as leis dos processos que se passam no mundo exterior, as quais não dependem só do pensamento, mas também de leis específicas e reais. A realidade é compreendida objetivamente, uma vez que existe independentemente das idéias e dos pensamentos. O desafio do pensamento está em trazer para o plano do conhecimento essa dialética do real.

Tais fundamentos estão enraizados no modo de produção da existência. Nesse sentido, MARX & ENGELS (1989, p. 13), consideram que:

Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material. (...) A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto o que eles produzem quanto a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção.

Enquanto método de análise vincula-se a uma concepção de realidade, de modo de vida em seu conjunto. É na prática que os homens devem demonstrar a veracidade do seu pensamento, pois o

critério de verdade da teoria está no seu caráter prático. Assim, o conhecimento produzido pelos homens terá caráter prático, cujos elementos corroboram para a compreensão e intervenção no real, se a metodologia utilizada para a sua produção, desde o início, articular momentos de reflexão teórica e de inserção empírica. É na investigação, pois, que o pesquisador tem de recolher a “matéria” em suas múltiplas dimensões (FRIGOTTO, 1997, p. 81).

Enquanto práxis, para o autor, no processo de conhecimento da realidade, importa a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social. A teoria materialista histórica tem como pressuposto que o conhecimento se dá na e pela práxis, ou seja, esta representa a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas: a teoria e a ação. A reflexão teórica sobre a realidade torna-se uma ação para transformar (FRIGOTTO, 1997, p. 81).

Para MARX (1998), a práxis significa ação refletida e é tomada como critério de verdade. Para se atingir a “coisa em si”, para a apreensão dos fenômenos é preciso um *detour*, e isso implica em ter-se como ponto de partida fatos empíricos e reais, num esforço em superar as impressões primeiras, as representações fenomênicas deste e atingir o seu âmago, as suas leis fundamentais. O ponto de chegada será o concreto pensado. Isso demanda um esforço de um trabalho de apropriação, organização e exposição dos fatos.

Assim, o trabalho e as relações sociais de produção constituem, na concepção materialista de realidade, as categorias fundantes que definem o homem concreto, histórico, situado em um tempo e espaço, os modos de produção de sua existência, o critério de verdade/conhecimento e o princípio educativo por excelência.

O ponto de partida do conhecimento, para o materialismo histórico, “enquanto esforço reflexivo de analisar criticamente a realidade e a categoria básica do processo de conscientização é a atividade prática social dos sujeitos históricos concretos”, isto é, “a prática dos homens concretos constitui-se em fundamento e limite do processo de conhecimento” (FRIGOTTO, 1997, p. 82).

4. A PESQUISA COMO FORMA DE APREENSÃO E TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

O final da década de 90 foi marcado pelas discussões em torno da questão da formação de professores, tanto dos docentes que atuam nas classes da educação infantil e primeiras séries do ensino fundamental, quanto àqueles que, formados nos cursos de nível superior, destinavam-se ao magistério nas classes de 5ª à 8ª séries e do ensino médio.

As Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em Cursos de Nível Superior (MEC, 2000), em seu capítulo 2 - *Demandas da Reforma da Educação Básica para a*

Formação de Professores – coloca, em primeiro plano, a formação inicial enquanto preparação profissional. De acordo com o texto, é a formação inicial que permite aos professores a apropriação de conhecimentos e a experimentação das competências para atuar no novo cenário, qual seja, o da realidade atual. Observa-se no texto deste documento que a formação de um profissional da educação deve "estimulá-lo a aprender o tempo todo, a pesquisar, a investir na própria formação..." (MEC, 2000, p. 6).

Segundo MIZUKAMI (1996), a produção sistemática de pesquisas direcionadas para o conhecimento do professor enquanto profissional abrange uma variedade de referenciais conceituais e, conseqüentemente, diferentes formas de se conceber a construção de conhecimento e as formas específicas para se investigar essa construção.

PÉREZ GÓMEZ (1995) afirma que a formação de professores seja inicial ou continuada, é um campo profundamente determinado pelos conceitos de escola, ensino e currículo que são predominantes em determinada época. A partir da compreensão desses conceitos vêm se construindo imagens e metáforas que têm como objetivo caracterizar a função do professor como profissional. Dentre as várias metáforas existentes, as mais comuns têm sido aquelas que concebem o professor como modelo de comportamento, como transmissor de conhecimentos, como técnico - executor de rotinas, planejador ou como sujeito que toma decisões ou resolve problemas. Para este autor, as crenças pedagógicas, idéias e teorias

implícitas sobre o aluno, o ensino, a aprendizagem e a sociedade que os professores possuem, juntamente com os seus hábitos, são os principais responsáveis pela maneira como ele atua e interage em sala de aula.

A preocupação de que o professor desenvolva uma postura investigativa sobre sua área de atuação e que aprenda a usar procedimentos de pesquisa como instrumentos de trabalho é um aspecto, em geral, ainda ausente na formação dos professores. A mesma carência se faz sentir em muitos casos, no que se refere aos pressupostos e procedimentos de investigação sobre os objetos de ensino e com o processo histórico de produção do conhecimento.

Nesse aspecto, para a formação do profissional da educação, o conhecimento da realidade concreta, a apreensão da totalidade do objeto de estudo – a educação e a escola – e a compreensão de seus determinantes históricos significam o ponto de partida e o ponto de chegada para o trabalho pedagógico (FREITAS, 1996). A autora (ibid, p. 45) considera que “o processo de formação do profissional da educação, no âmbito do trabalho pedagógico escolar que ocorre sobre determinadas circunstâncias, é um movimento contínuo em constante transformação”. Assim, “o processo de formação de nossos alunos exige o enfrentamento da dicotomia teoria-prática, que perpassa a estrutura propedêutica de nossos cursos, buscando as relações necessárias para que esta articulação se efetive em uma perspectiva de unidade, como dois componentes indissolúveis da *práxis*” (FREITAS, 1996, p. 36).

Dessa forma, a atividade educacional,

(...) está determinada imediatamente pela finalidade da necessidade que todo ser humano tem de compreender a um tempo, o que foi feito/produzido, o que está sendo feito/produzido e o que pode, tem que ser feito/produzido. Nesse processo se insere e adquire sentido o que cada um fez/produziu, está fazendo/produzindo e pode, tem responsabilidade de fazer/produzir" (RIBEIRO,1991, p. 39).

A autora (ibid, p.40) afirma que "a finalidade imediata da educação é a de tornar possível um maior grau de consciência, ou seja, de conhecimento, compreensão da realidade da qual nós, seres humanos, somos parte e na qual atuamos teórica e praticamente".

Para GADOTTI (2001, p. 79), a educação é um processo contraditório (unidade e oposição), uma *totalidade de ação e reflexão*, ou seja, o ato educativo realiza-se na tensão dialética entre liberdade e necessidade. Assim, sendo a educação uma totalidade, isto é, uma "síntese de múltiplas determinações" (Marx, apud GADOTTI, 2001, p. 79), na concepção dialética ela se propõe compreender essas determinações para intervir nelas, buscando a realização plena do homem. Por isso, torna-se uma perspectiva progressista e transformadora da realidade.

Nesse sentido, entende-se, então, que a atividade educativa tem por finalidade operar a transformação de caráter subjetivo, ou seja, transformar as consciências, operando praticamente sobre a realidade objetiva, no intuito de transformá-la

objetiva, concreta e materialmente. Portanto, a matéria prima da atividade educacional é a transformação da consciência do aluno, isto é, o conhecimento, a compreensão mais profunda, rigorosa e ampla da realidade na qual os alunos estão inseridos e sobre a qual atuam.

Em face disso, GADOTTI (2001, p. 155) propõe a formação do educador com conhecimento aprofundado da realidade educacional e social, com uma sólida formação teórica, um educador comprometido, organizador da cultura que ultrapasse o papel de reproduzidor da cultura dominante. Para este autor (ibid, p. 157), a concepção dialética de educação sustenta que a formação do homem ocorre pela formação da consciência coletiva realizada concretamente no processo de trabalho (interação-mediação) que cria o próprio homem. Nessa concepção, a formação do homem é uma tarefa social. A questão central da pedagogia dialética é o homem enquanto ser político, a libertação histórica, concreta do homem contemporâneo.

Corroborando com essas afirmações, as novas tendências de formação de professores apontam a escola como colaboradora na formação do cidadão, com igualdade de direitos ao proporcionar o acesso aos conhecimentos. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Nº 9.394, de 20/12/1996, em seu Art. 2º, estabelece que “a educação (...) tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Tal concepção

envolve, portanto, o desenvolvimento dos aspectos pessoal e político de professores e alunos, implicando que a educação e, especificamente, a formação de professores vise o desenvolvimento das múltiplas capacidades do indivíduo, das relações de autonomia e não tenha como objetivo, somente, o aspecto cognitivo de ambos.

No que se refere à formação de professores, a literatura específica e até a legislação, já admitem a importância da pesquisa na preparação e no trabalho do professor. Tal idéia tem aparecido nas obras de Stenhouse (1975) sobre o desenvolvimento do currículo, e recebeu um grande impulso na obra de Shön (1983) (LÜDKE, 2003). A difusão das idéias de Shön influenciou a comunidade educacional "na direção da imagem de um professor mais ativo, crítico e autônomo em relação às suas escolhas e decisões, contrariamente àquela de aplicador de soluções prontas, emanadas de esferas externas, sobretudo, as marcadas com o selo da racionalidade técnica" (LÜDKE, 2003, p. 30).

Em face do exposto, entende-se que a pesquisa na formação do professor deveria orientar-se pelos métodos qualitativos de pesquisa, pela necessidade de se levar em conta o contexto, o qual tem uma lógica contraditória que envolve múltiplas situações. Nesse sentido, é preciso que o professor aprenda a construir um "olhar diferenciado" capaz de abordar com propriedade as múltiplas determinações do real e de registrá-las para posterior estudo (ZANELLA, 2000).

Sendo assim, a pesquisa na formação do profissional da educação deve, então, partir da percepção que alunos e professores fazem da prática social. Partir de um todo que é o conhecimento, objetivamente existente, "um todo que é dado ao homem imediatamente em forma sensível, isto é, na representação, na opinião e na experiência" (KOSIK, 1976, p. 30).

Para isso, entende-se que o método dialético é aquele capaz de fazer o aluno compreender criticamente a prática social de seu tempo. Esse é um processo que não se realiza individualmente. Trata-se de um processo coletivo, pelo qual um grupo de pessoas, organizado por meio de uma instituição escolar, defronta-se com o conhecimento e no qual não se perde a perspectiva individual.

Por fim, as acepções do método dialético, na pesquisa educacional, pressupõem a compreensão de que o materialismo histórico-dialético não é uma doutrina, mas se constitui num método de análise aberto e submetido aos princípios da história. Submisso à realidade histórica dos fatos, e não a categorias apriorísticas - um princípio básico da dialética materialista histórica. Então, essa dialética, deve dar conta da totalidade, assim como deve dar conta do específico, do singular e da contradição, outra categoria básica para se entender o movimento da realidade histórica dos homens situados em seu tempo e espaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se apresentar neste texto algumas reflexões que têm permeado e delineado a pesquisa na formação dos profissionais da educação. Buscou-se demonstrar que, na concepção materialista histórica, a pesquisa parte de condições já existentes, de uma prática anterior. Vista sob este aspecto, a pesquisa rompe com as concepções do investigador em relação à situação existente. Disso, decorre o processo de ir à "raiz" da problemática, ao desvelamento das leis que os produzem, e isso demanda que o recorte e a problemática necessitem ser apreendidos com a totalidade de que fazem parte, assim como é imprescindível ter presente a que sujeitos históricos e reais a investigação faz referência, explicitando e analisando o movimento do real.

Entender o materialismo histórico-dialético como pressuposto de investigação, significa entender que a pesquisa deve partir do homem concreto e histórico, em suas atividades práticas, ou seja, do mundo do trabalho, tomando o método da economia política como diretriz para a construção de conhecimento; significa também que o pano de fundo a permear a pesquisa será o homem e suas relações sociais.

Ter presente na prática de pesquisa a dialética materialista não é um processo que se dá facilmente, as respostas são complexas. Tal procedimento implica rompimentos com o pensar ideológico dominante, bem como um ir e vir de aproximações com a

verdade que, por ser histórica e social, é sempre provisória e relativa.

No que se refere à formação do profissional da educação, na perspectiva da práxis, pressupõem-se mudanças histórico-sociais, ou seja, pressupõe-se necessariamente uma constante reflexão-ação-reflexão em sua prática educativa. Essa perspectiva exige entender a indissolubilidade na relação teoria-prática; exige uma nova postura frente à realidade estudada, ou seja, uma nova forma de compreender o conteúdo estudado situando-o de maneira histórico-concreta na totalidade. Tal perspectiva exige ainda que a efetivação de um processo educativo focado em dimensões ético-políticas, teórico-práticas e epistemológicas, acima explicitadas, constitua a base dessa formação.

Em face do exposto, estas reflexões tiveram como fio condutor as implicações dos pressupostos do materialismo histórico dialético na pesquisa, no intuito de suscitar e ampliar a discussão sobre a necessidade de uma base teórico-metodológica que dê sustentação à prática investigativa na formação de profissionais da educação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei n.º 9.394, de 20/12/96**, Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: Diário Oficial da União, Ano CXXXIV, n.º 248, de 23.12.96, p. 27.833 -27.841, 1996.

_____. PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, EM CURSOS DE NÍVEL SUPERIOR. MEC, 2000.

DUARTE, N. **A formação do indivíduo e a objetivação do gênero humano**. Tese de doutorado, Campinas, São Paulo, FE-Unicamp, 1992.

FREITAS, H. C. de. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério. Formação e Trabalho Pedagógico).

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. C. A. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 12. ed. ver. São Paulo: Cortez, 2001.

GAMBOA, S. S. A. **Epistemologia da pesquisa em educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Práxis).

HOOK, S. **La genesis del pensamiento filosófico de Marx**. Barcelona: Barral Editores, 1974.

KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. 6. reimp. Trad. de Célia Neves e Alderico Toríbio, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LÜDKE, M. (coord.). **O professor e a pesquisa**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003. (Coleção prática pedagógica)

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: livro I**. Trad. de Reginaldo Sant'Anna, 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Introdução de Jacob Gorender. Trad. de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MIZUKAMI, M. G. N. Docência, trajetórias e desenvolvimento profissional. **In: Formação de professores: tendências atuais.** 1. ed. SÃO CARLOS: EDUFSCAR, 1996, v.1, p. 59-89.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NOVOA, A. **Os professores e sua formação.** 2. ed. Portugal: Dom Quixote, 1995, p. 93-114. (Temas Educação 1).

RIBEIRO, M. L. dos S. **Educação escolar e práxis.** São Paulo: Iglu, 1991.

SANTAELLA, Cristina Moral. **Formación para la profesión docente.** Madrid: Grupo FORCE y Grupo Editorial Universitario, 1998.

SANTOS FILHO, J. C. dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, J. C. dos. & GAMBOA, S. A. S. (org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

ZANELLA, J. L. Dilemas de um professor em sala de aula na busca de um "Ensino Reflexivo". **Palestra** ministrada no dia 25/5/2000, no Educador 2000 - Congresso Internacional de Educação. São Paulo.